

## Trauma branco <sup>74</sup>

## Marion Minerbo <sup>75</sup>

Para começar, vou apresentar um resumo do texto que escrevi para o Observatório Psicanalítico em abril de 2020, que se chamava *O trauma branco e seus destinos*. Procurando pensar de um ponto de vista metapsicológico, abordei a pandemia como um tipo de trauma que denominei *branco*, e procurava imaginar que destinos poderíamos dar às marcas psíquicas deixadas por ele.

Depois, continuei pensando no tema, e resolvi então apresentar hoje um aprofundamento do tema que fui fazendo em maio/junho.

Naquele primeiro momento eu pensava na pandemia como um trauma coletivo. Por que trauma?

[definição de trauma: estímulo mais intenso do que damos conta de metabolizar, produz angústia, paralisa o aparelho psíquico].

- Porque veio sem aviso prévio, nos encontrou despreparados e sem defesas, de um dia para outro a vida mudou, – e nós junto com ela.
- E também porque ela exerceu sobre nós um tipo de violência que não conhecíamos – e por isso mesmo pode ser difícil reconhecê-la como tal.

Me ocorreu o termo *violência branca*, por analogia a *angústia branca*, termo com que Green descreve o sofrimento psíquico mudo, invisível e silencioso das patologias do vazio.

[patologias do vazio: aparelho psíquico empobrecido / esvaziado do ponto de vista da capacidade de simbolização, de processamento das experiências emocionais, de conexão com o mundo mental. Ou não foi acordada pelo ambiente, ou foi desativada].

A violência branca – e o *trauma branco* – é uma violência sem sangue, silenciosa, invisível, mas mata. Do ponto de vista psíquico, arrebenta a pele psíquica, não só pelos súbitos efeitos devastadores em nossas vidas, mas, principalmente, porque é algo que não faz sentido para nós no século XXI.

---

<sup>74</sup> Trabalho apresentado na mesa “Fases do traumático em tempos de pandemia” no II Simpósio Bial SBPSP “Fronteiras da Psicanálise: a clínica em movimento” no dia 22 de agosto de 2020.

<sup>75</sup> Membro efetivo da SBPSP, autora de *Neurose e não neurose, Diálogos sobre a clínica psicanalítica, Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica* (editora Blucher).

Simplesmente, não temos repertório para lidar com isso. E ainda, ele nos lança num estado de absoluta incerteza sobre o que virá. Temos que tentar ficar de pé sobre areia movediça, o que é exaustivo.

- Agora temos que conviver com a angústia da ameaça de morte lenta por asfixia.
- O vírus invisível sequer chega a ser um “inimigo” a combater, o que pelo menos nos colocaria numa posição mais ativa. Por exemplo, quando há um terremoto ou inundação podemos ser mais ativos. Aqui, tudo o que podemos fazer é nos isolar.
- O isolamento físico não fazia parte do repertório humano, exceto como castigo máximo, nas solitárias das prisões.
- Fronteiras fechadas entre países eram inimagináveis para nós.
- Os enquadres dos lugares que frequentávamos – trabalho, escola, academia, bares – e que nos davam sustentação psíquica cotidiana, desapareceram. E com eles, nossas referências identitárias.
- Sem falar nas consequências da devastação econômica que nos aguarda.

Antes de pensar na pandemia, vamos pensar em alguém que quase morreu. Essa pessoa consegue voltar a viver “como antes”? Não me refiro às atividades cotidianas, trabalhar, ir ao supermercado, mas à experiência subjetiva de cada um. Muitos relatos nos dão o testemunho que ter visto a morte de perto transforma as pessoas. Como cada um passa a ver a vida, e a si mesmo?

E quem passou por uma pandemia?

Os efeitos desse tipo de trauma vão depender também da história emocional de cada um, e dos recursos psíquicos disponíveis. Mesmo assim, gostaria de imaginar algumas possibilidades.

- Será possível recalcar tudo isso, e continuar vivendo tranquilamente, como se não pudessem vir outras pandemias – até piores – a qualquer momento? Ou seja, podemos mobilizar defesas eficazes?
- Ou ao contrário, viveremos com a consciência de que tudo é efêmero à flor da pele? Isso pode ser angustiante, mas pode ter o lado bom de nos ajudar a aproveitar o temos, enquanto temos, como tantas pessoas que viram a morte de perto.

- Mas a angústia e o medo de morrer podem também nos impedir de aproveitar o que temos, enquanto temos. Viveremos dentro de um pesadelo sem fim.
- Numa visão mais otimista, podemos pensar que há traumas que cicatrizam. Talvez seja possível elaborar e integrar a experiência traumática ao longo do tempo. A vida pode, sim, voltar a ser “como antes”. Ou até mesmo ficar mais rica, se pudermos incluir em nosso repertório psíquico o que descobrimos durante o período de crise.
- A clínica não permite tanto otimismo. Pelo menos no nível individual, vemos que as cicatrizes do traumático deixam um ponto de fragilidade que podem se abrir a qualquer momento, em situações parecidas. E então o paciente se retraumatiza. No caso da pandemia, nossa absoluta vulnerabilidade pode voltar a nos assombrar quando menos esperamos. Quem seremos nós no futuro? Quem viver (!), verá!

\*

Apresentei este texto (um pouco mais detalhado) para os colegas do grupo francófono em Israel. A discussão que se seguiu foi tão consistente, que achei que poderia me servir de base para repensar o texto que foi publicado no Observatório. Vou centrar meus comentários em torno de três eixos.

1. O que seria exatamente o traumático, no caso da pandemia?
2. Um trauma pode ser coletivo, ou ele é sempre individual?
3. Por que, trauma branco ?

### **1. Podemos mesmo dizer que a pandemia configura um trauma ?**

Como já mencionei, trauma é um acontecimento que paralisa e interrompe o trabalho psíquico. Falamos em trauma quando o real em estado bruto arrebenta o escudo protetor e invade o aparelho psíquico.

A pandemia seria traumática em si mesma, tanto quando um terremoto? Conviver cotidianamente com a possibilidade da morte é traumático ? É uma situação que, por si só, produz uma quantidade de estímulos difíceis ou impossíveis de metabolizar ? Ou será que o *remédio* para conter pandemia – o isolamento – tem também seu aspecto traumático ? Estamos falando do sequestro, de um dia para outro, das nossas vidas, sonhos e projetos, tal como

numa guerra! A incerteza sobre o que virá torna impossível a elaboração de projetos para o futuro, o que desorganiza o aparelho psíquico, que fica rodando em falso.

Por outro lado, se o isolamento nos é apresentado como a única solução disponível, então todo o sofrimento implicado tem um sentido, não é uma violência arbitrária. E se tem um sentido, já não é da ordem do traumático. Nem todo sofrimento, por mais intenso que seja, é traumático.

Além disso, sabemos que o evento traumático interrompe e paralisa o trabalho psíquico. Mas o que vimos foi que, durante a pandemia – depois de um tempo necessário para absorver o choque, e entender o que estava acontecendo – as pessoas começaram a se adaptar à nova rotina. E a encontrar soluções criativas para a nova vida. Ou seja, o trabalho psíquico continuou a todo vapor.

Nessa mesma linha, todos recebemos, pelas mídias sociais, um bombardeio de notícias, mensagens, textos, vídeos e entrevistas. A menos que esse bombardeio seja visto como uma tentativa maníaca de evacuar a angústia de morte, parece que o trabalho psíquico foi retomado, tanto em nível individual, quanto coletivo. Essa atividade pode ser pensada como necessidade de compartilhar, reconhecer, espelhar e dar sentido à dor. O trabalho psíquico em rede parece ter servido para conter a potencialidade traumática do acontecimento.

Essa atividade psíquica coletiva pode ser pensada também como resposta a uma situação enigmática : « o que é isto que se abateu sobre nós ? » Há uma diferença metapsicológica importante entre o enigmático e o traumático. O enigmático funciona como o grão de areia que faz a ostra produzir uma pérola. É o caso do que Freud chamou de teorias sexuais infantis, a atividade teorizante das crianças. Já o traumático produz angústia automática que arrebenta a ostra e impede esta atividade teorizante.

Então, se num primeiro momento eu pensava a pandemia como trauma, passei a vê-la como um acontecimento que tem uma potencialidade traumática. O trabalho em rede pode conter essa potencialidade, e transformá-la em solução criativa.

Passo agora para o segundo eixo de discussão :

## **2. Podemos falar em trauma coletivo ?**

A ideia de trabalho psíquico em rede me levou a modificar a ideia de trauma coletivo, para dimensão coletiva do trauma.

- Do ponto de vista metapsicológico, trauma coletivo implica numa somatória de indivíduos traumatizados.
- Já a dimensão coletiva do trauma nos remete a uma súbita mudança na cultura, que nos afeta a todos, e na qual, e pela qual, todos nós nos subjetivamos.

O psíquico se manifesta em três dimensões distintas, que se articulam : a dimensão intrapsíquica, a inter subjetiva e a trans subjetiva ou cultural.

- A definição freudiana de trauma, citada acima, privilegia a dimensão intrapsíquica.
- Com Bion e Winnicott, a dimensão intersubjetiva da constituição do sujeito foi reconhecida. E junto com ela, a dimensão intersubjetiva do trauma – falamos em trauma precoce.
- Mas há também a dimensão transsubjetiva, como uma guerra ou uma pandemia, algo que atinge a todos. É ela que nos ajuda a entender a dimensão coletiva do trauma – repito : que não é o mesmo que trauma coletivo !

Retomo a ideia de que a atividade frenética nas redes sociais pode ser vista como forma de elaboração coletiva do trauma.

- Podemos ver aí uma reconstrução virtual do tecido social e cultural, com a produção coletiva de representações. Dimensão trans-subjetiva.
- E que, ao mesmo tempo, cada um pode usar como precisa em função de sua própria história. Dimensão intrapsíquica.

Por fim, com relação à dimensão intersubjetiva do trauma, há diferenças entre os países conforme a atitude das autoridades na condução da crise. Estou pensando nas autoridades como representantes das figuras parentais. Como o psiquismo dessas figuras funcionou durante a crise ?

- Como figuras parentais presentes e protetoras ?
- Abusivas ?
- Abandônicas ?
- Usaram a pandemia para sua conveniência ?

- Para exercer poder sobre a população ?

Por fim, não podemos subestimar o papel da mídia com relação à dimensão transsubjetiva do trauma : contribuiu para informar, para que as pessoas pudessem enfrentar a situação ? Ou para criar pânico e desespero em todos ?

Nas análises individuais que prosseguiram virtualmente, pudemos ver a articulação entre a dimensão transsubjetiva, intersubjetiva e intrapsíquica. Ou seja, de alguma maneira a pandemia reativava um traumático anterior, arcaico com figuras parentais inadequadas.

Passo agora para o terceiro eixo da discussão:

### 3. Por que o trauma seria branco ?

Quando propus a ideia de que a pandemia podia ser vista como um trauma branco, estava implícita a ideia de que se trata de um trauma diferente de uma guerra, ou de um terremoto, que seriam traumas vermelhos, com sangue. Intuitivamente, me parecia que estávamos passando por uma experiência traumática, mas de um tipo diferente.

Comecei com a ideia de que seria um trauma marcado pela ausência de representação para o que estávamos vivendo. Isso porque é um trauma difícil de ser reconhecido como trauma, já que ninguém tinha em seu repertório psíquico elementos para elaborar a situação. « Como assim, uma pandemia que toma o planeta todo, com tantas mortes, em pleno século XXI? » É algo que não fazia sentido para a maioria das pessoas. Não estávamos familiarizados com isso.

Na discussão com o grupo francófono de Israel, fui mudando de ideia. A noção de **branco** tinha menos a ver com ausência de representação, e mais com a sensação de *inquietante*, *unheimlich*, de algo não familiar que se superpõe, recobre, ou substitui o que era familiar – como nos filmes de terror. Neles, pessoas e lugares são familiares, mas a música inquietante indica que algo de não familiar – e de terrível – está prestes a acontecer. Com o termo branco, eu tentava traduzir em palavras esta sensação.

Quando as escolas fecharam, muitas famílias ficaram com as crianças em casa por tempo indeterminado. A situação tem algo de familiar, mas ao mesmo tempo é absolutamente inquietante, pois ninguém estava em casa por opção, mas

porque não podiam sair. E não podiam sair porque podiam morrer. A rua de sempre, os vizinhos de sempre, a escola de sempre, se tornaram ameaçadores.

Embora pudessem até curtir estarem juntos, como se fossem férias, a sensação era muito diferente de qualquer coisa conhecida até então. Havia algo de inquietante e mal-assombrado na situação. Bastava olhar para fora e ver as ruas vazias. Da mesma forma, a ida ao supermercado. É uma atividade cotidiana. Mas as pessoas estão todas de luvas e máscaras, alguém mede a temperatura dos poucos que entram de cada vez. Ou seja, algo de inquietante e ameaçador se sobrepõe ao familiar.

A angústia ligada ao traumático arrebenta a pele psíquica, a pessoa tem medo de morrer e se desorganiza. A angústia ligada ao *unheimlich* tem outra cara : o mundo fica estranho, ele parece familiar, mas não é, e a identidade vacila. Aqui estamos mais próximos do terror, em que a pessoa não sabe o que virá : só sabe que é terrível.

Viver cotidianamente com a sensação de que o mundo não é mais o mesmo, que tudo se tornou estranho, é uma experiência emocional difícil de metabolizar. Nesse sentido, tem um potencial traumático, e sua principal característica é a sensação de estranheza de um cotidiano que perdeu, de um dia para o outro, seu colorido familiar. Tingiu-se de branco.